

**POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS DE QUALIDADE PARA A  
POPULAÇÃO NÃO HETERONORMATIVA NO  
RIO DE JANEIRO: A ESCOLA E A EQUANIMIDADE**



Aluna: Nathália da Silva Vieira

[nathaliasvieira@outlook.com](mailto:nathaliasvieira@outlook.com)

Orientador: Dr. Augusto César Pinheiro da Silva

[bernardobns@gmail.com](mailto:bernardobns@gmail.com)

## **INTRODUÇÃO/ JUSTIFICATIVA**

A sociedade brasileira ainda não reconhece a importância das discussões sobre gênero em suas análises espaciais. No entanto, o discurso sobre gênero tem aparecido com maior frequência nas discussões midiáticas e isso está gerando uma singela mudança na visão da sociedade sobre as questões de gênero e dos grupos LGBT. Todavia, ainda vivemos em um espaço heteronormativo e sexista, onde os grupos que não se comportam dentro do perfil aceitável da heteronormatividade dominante não são reconhecidos e aceitos como iguais, com os mesmos direitos e deveres. Diante disso, é necessário que o conceito de gênero fique claro no imaginário das pessoas, para que dessa maneira possa-se estimular a equidade social não apenas entre sexos, mas também entre gêneros em suas formas plurais.

Entendidos nesta pesquisa como uma construção social e histórica, os papéis de homem e mulher devem ser reconsiderados em um contexto de pluralidade de imaginários e concretudes, em que as relações entre sexos estabelecem uma miríade de expressões de gêneros, combinando-se desejos, formas e condições de naturalização de suas expressões na sociedade, rebatidas no espaço sobre o qual se produzem territórios plurais e com direitos indiferenciados. Desse modo, esta pesquisa busca explorar as desigualdades territoriais que ocorrem com o público LGBT, intencionando encontrar soluções e políticas públicas que possam amenizar a violência e preconceito sofridos por esses grupos.

Para tal empreitada, o ambiente escolar deve ser o primeiro espaço público onde as muitas tensões para os grupos LGBT ocorrem e, portanto, o primeiro, no âmbito da socialização das pessoas, onde as crianças devem ser educadas para um aprendizado mais plural. A produção espacial através do gênero é, portanto, um dos instrumentos de discussão geográfica mais atual nas políticas públicas de inclusão no Brasil e as escolas básicas devem ser os espaços para que esse tema seja primordial na obtenção da equidade, com foco na rede oficial de ensino básico da cidade do Rio de Janeiro.

Nesse contexto, é importante que os educadores e a escola estejam preparados para receber os grupos LGBT como cidadãos que merecem os mesmos direitos dos demais grupos, na busca de um ambiente equânime. No entanto, muitas vezes os educadores e escolas não sabem lidar com essa situação o que faz com que diversos alunos deixem a instituição, ampliando as desigualdades socioespaciais e de direitos.

Esse artigo em questão tem como objetivo demonstrar a importância das relações de gênero nos diferentes espaços do Rio de Janeiro. Como foco da investigação, o ambiente escolar público, buscando-se, com isso, identificar as territorialidades como definidoras das diferenças e desigualdades nas diversas escalas da sociedade.

## **DADOS SOBRE A HOMOFOBIA**

A pesquisa em questão foi motivada pela busca da equidade dos gêneros, tendo em vista, números de violência expressivos contra o público LGBT. Diante desse cenário surgiram inquietações que geraram questionamentos e que impulsionaram a questionar e aprofundar a discussão sobre o assunto.

Diante disso, com o auxílio do relatório de RELATÓRIO SOBRE VIOLÊNCIA HOMOFÓBICA NO BRASIL: ANO DE 2012 foi possível encontrar dados de extrema importância sobre como se manifesta a violência no Brasil contra o público LGBT. E através desses dados é possível justificar a importância do papel da escola na redução de casos de homofobia no país.

Em vista disso é necessário expressar que a violência não faz parte do Estado Democrático de direito que construímos em nosso cotidiano. O Brasil tem que se mostrar como um país plural e diverso, cuja a riqueza principal é o respeito a diversidade e ao humano. Diante desse cenário a população LGBT, assim como todos os brasileiros merece ser respeitada e poder usufruir de seus direitos como qualquer cidadão heterossexual. É necessário que o direito de ir e vir do cidadão seja mantido

independente da sua raça, etnia, orientação sexual e religião. O respeito ao cidadão deve acontecer independente de suas diferenças. O espaço público deve ser equânime e não deve favorecer um determinado público devido ao seu modo de vida.

Assim sendo, buscaremos através de dados demonstrar como casos de homofobia acontecem em grande escala e que os praticantes da violência contra o público LGBT é concentrado em uma faixa etária de idade. Diante dessas informações acredita-se que seja necessário definir a homofobia.

A homofobia possui um caráter multifacetado, que abrange muito mais do que as violências tipificadas pelo código penal. Ela não se reduz à rejeição irracional ou ódio em relação aos homossexuais, pois também é uma manifestação arbitrária que qualifica o outro como contrário, inferior ou anormal. Devido à sua diferença, esse outro é alijado de sua humanidade, dignidade e personalidade. (RELATÓRIO SOBRE VIOLÊNCIA HOMOFÓBICA NO BRASIL; 2012)

No entanto esse termo emprega uma problemática pois grupos de lésbicas, bissexuais e transgêneros não aceitam esse termo para si, alegando que o termo gera uma invisibilidade e com isso esses grupos criaram novos termos como o de lesbofobia, bifobia e transfobia. No entanto nesse artigo o termo homofobia será utilizado para descrever o preconceito e discriminação contra pessoas em função da sua identidade de gênero e orientação sexual, sem promover a divisão de nomenclatura dos grupos para haver maior clareza no texto.

A homofobia é caracterizada como violências cometidas contra uma pessoa que não condiz ao padrão heteronormativo imposto pela sociedade. Violência, muitas vezes verbal que constrange, ofende, inibe e oprime a vítima, gerando problemas psicológicos nas vítimas. Também ocorrem casos de crimes de ódio à orientação sexual ou identidade de gênero do outro, esses casos geralmente são extremos e que terminam em agressão física e em alguns casos em morte. Temos também a homofobia institucional onde instituições discriminam pessoas em função da orientação sexual e da identidade de gênero. Os casos de homofobia se fazem cada vez mais presentes em diversas esferas do convívio social como em casa, na rua, na escola, no ambiente de trabalho entre outros locais.

No Brasil os casos de homofobia não vitimam apenas a população LGBT, mas também aqueles que se manifestam de modo “suspeito”, por mais que o indivíduo se

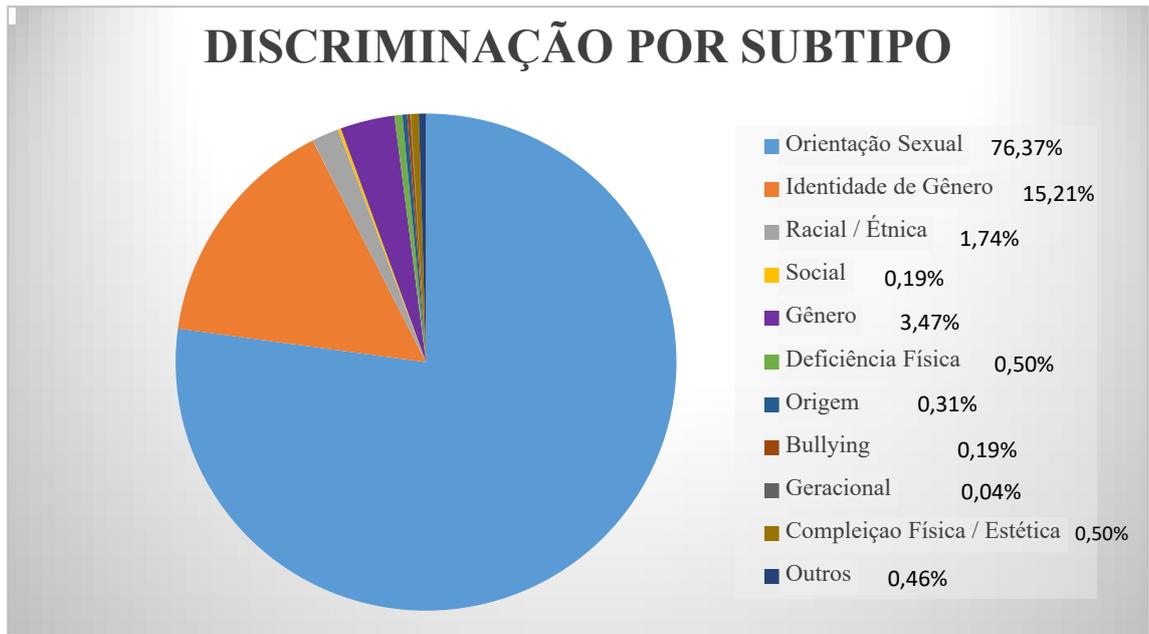
caracterize como heterossexual se ele se manifestar de modo que não condiz a heteronormatividade imposta ele corre risco de sofrer homofobia.

À vistadisso o Estado, nas suas três esferas, tem por obrigação assegurar, prevenir, proteger, reparar e promover políticas públicas que busquem sempre a afirmação dos Direitos Humanos para toda sociedade. A democracia pressupõe a prevalência de ações e iniciativas coercitivas a todas as modalidades de preconceito, discriminação, intolerância ou violência motivada por aspectos de origem, raça, sexo, cor, idade, crença religiosa, condição social ou orientação sexual. (RELATÓRIO SOBRE VIOLÊNCIA HOMOFÓBICA NO BRASIL; 2012)

Desse modo, serão utilizados dados do Relatório Sobre Violência Homofóbica no Brasil do ano de 2012, para justificar a pesquisa. Os dados a seguir são baseados em “estatísticas produzidas a partir de denúncias feitas ao poder público referentes às violações de direitos humanos cometidas contra a população LGBT no território brasileiro durante o ano de 2012”.

De acordo com gráfico a seguir podemos perceber que diante das discriminações que ocorrem no Brasil, a mais reportada é a discriminação por orientação sexual, com 76,37% das denúncias. A discriminação por identidade de gênero aparece como o segundo subtipo mais denunciado, com 15,21% das respostas. Vale notar que as discriminações se sobrepõem, fazendo-se presente o racismo, a discriminação social, contra pessoas com deficiência, religiosa, geracional.

Através disso podemos perceber que dentro das minorias a população LGBT é a que sofre maior discriminação. Diante disso, cabe a nós questionarmos. O que nos faz melhor que eles? Será que a escolha da orientação sexual pode definir uma superioridade de heterossexuais sobre os homossexuais? Essa ideia se deu através de uma construção histórica e que foi responsável por construir esse ideal no imaginário de grande parte da sociedade.



Fonte: Relatório de Violência Homofóbica no Brasil: Ano 2012

Vivemos em um espaço heteronormativo e sexista, onde a ideia de superioridade do homem sempre se fez presente. Em um contexto histórico o homem sempre foi superior a mulher. Diante dessa lógica surge um preconceito contra as pessoas que não pertencem a heteronormatividade dominante, gerando um “estranhamento” na sociedade machista tradicional desse modo os grupos LGBT são invisibilizados e não são aceitos e reconhecidos perante a sociedade.

Desse modo é importante garantir que o conceito de gênero fique claro no imaginário das pessoas, para que dessa maneira possamos criar um território onde exista equidade entre os sexos e gêneros.

O conceito de gênero foi elaborado para evidenciar que o sexo anatômico não é um elemento definidor das condutas da espécie humana. As culturas criam padrões que estão associados a corpos que se distinguem por seu aparato genital e que, através do contato sexual pode gerar outros seres: isto é a reprodução humana.

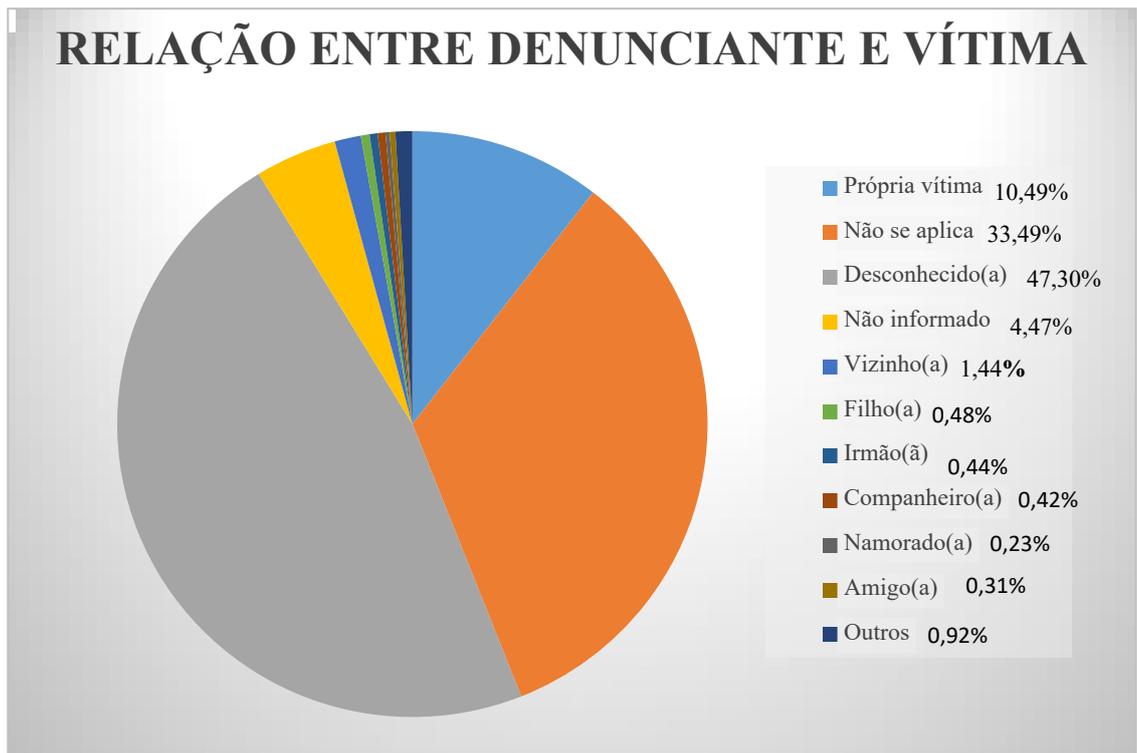
Através da definição é possível entender que o homem e a mulher como se apresentam diante da sociedade são uma construção do imaginário social, que se deu através de fatores históricos, religiosos e culturais. Desse modo o diferente gera um estranhamento, isso se manifesta com grande intensidade com o público GLBT, que são repudiados por uma parcela da população por não pertencer à heteronormatividade e isso gera a homofobia e a não aceitação das diferenças.

A tabela a seguir nos mostra que em 2012 foram registradas 9.982 denúncias de violações relacionadas à população LGBT, envolvendo 4.851 vítimas e 4.784 suspeitos.

	<b>2011</b>	<b>2012</b>	<b>% de aumento</b>
<b>Denúncias</b>	1.159	3.084	166,09%
<b>Violações</b>	6.809	9.982	46,6%
<b>Vítimas</b>	1.713	4.851	183,19%
<b>Suspeitos</b>	2.275	4.784	110,29%
<b>Média</b>	3,97	3,23	-
<b>violação/vítima</b>			

Fonte: Relatório de Violência Homofóbica no Brasil: Ano 2012

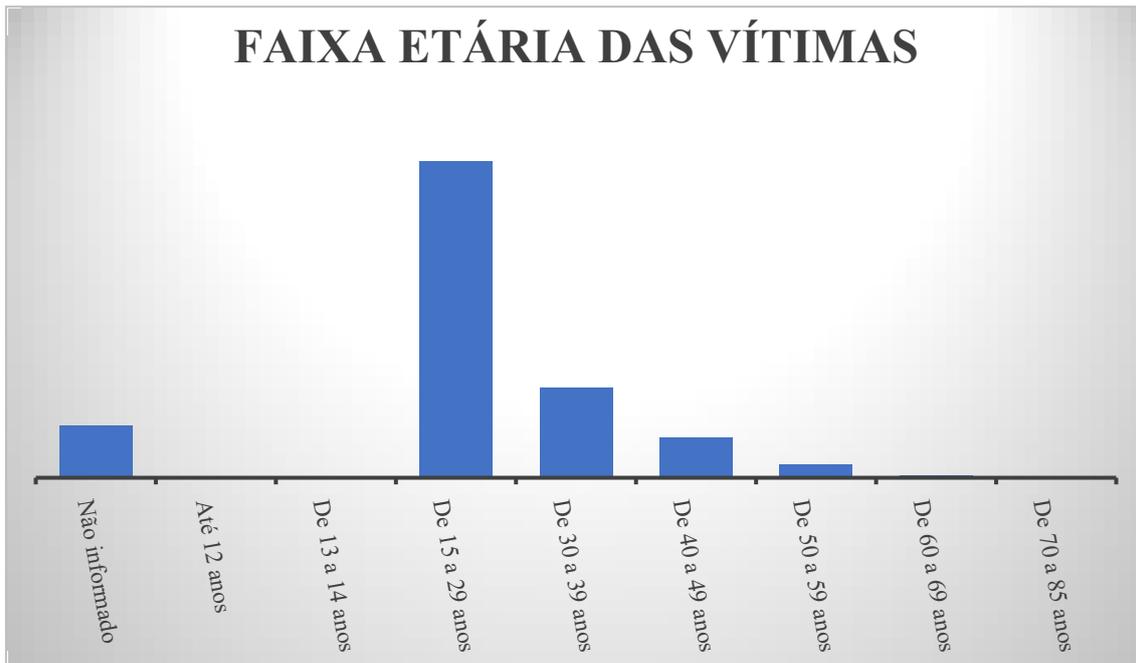
Esses números são de extrema importância, pois eles nos mostram que vêm ocorrendo um maior número de denúncias o que expressa que essa há uma redução do sentimento da naturalização da violência e da autculpabilização. Esses grupos muitas vezes acabam tendo a agressão como um hábito, desse modo eles acabam optando por não denunciar os casos de violação e a tabela nos mostra que isso vem mudando gradativamente. No entanto, ainda há muito a ser feito e muitas violações ainda não são denunciadas. A violência não pode ser neutralizada no imaginário da população LGBT ela deve ser denunciada para que desse modo, possamos criar uma sociedade equânime onde possamos conviver com as diferenças e respeitar o próximo.



Fonte: Relatório de Violência Homofóbica no Brasil: Ano 2012

É necessário considerar que as denúncias ao poder público não precisam ser registradas pela própria vítima. O gráfico acima mostra que cerca de 47,30% das denúncias são feitas por pessoas desconhecidas e que somente 10,49% das denúncias são feitas pela própria vítima. Isso afirma que as vítimas sofrem uma pressão muito grande devido aos atos violentos no qual ela sofreu e diante desse cenário surge o medo de denunciar e sofrer outras agressões.

O gráfico a seguir irá trazer informações sobre a faixa etária das vítimas que sofrem com a homofobia. Nele é perceptível que a população jovem é quem mais sofre homofobia, a faixa etária de 15 a 25 anos concentra cerca de 61,16% das vítimas. As vítimas entre 15 e 18 anos representam uma parcela de 1,23% enquanto a de 18 a 29 anos representam cerca de 59,93% das vítimas. Diante disso, concluo que essa é a faixa etária mais próxima da idade escolar e universitária, desse modo passo a enxergar a importância que a escola tem diante do problema.



Fonte: Relatório de Violência Homofóbica no Brasil: Ano 2012

O espaço escolar deve ser um espaço heterogêneo onde os diferentes possam conviver em harmonia. E conforme podemos analisar o gráfico, a idade onde o público LGBT mais sofre violência está concentrada entre idades em que se frequenta a escola e as universidades. Desse modo é possível crer que e houver uma educação de qualidade onde fique claro o respeito as diferenças esse público não sofreria tanto com a homofobia.

O próximo gráfico irá explicitar que a maioria dos agressores do público LGBT está na faixa etária de 15 a 29 anos o que reforça a ideia de que é necessário ter uma educação de qualidade e que essa seja capaz de promover a equanimidade entre os sexos e gêneros, gerando assim um espaço escolar e público que não ofereça risco para a população LGBT.

Entre as idades informadas, a faixa etária de jovens entre 15 a 29 anos soma 27,07% do total de suspeitos, seguida pela faixa entre 30 e 39 anos, com 16,85%. Em comparação desse gráfico com o gráfico de vítimas as faixas etárias dos suspeitos apresentam-se muito mais variadas do que as das vítimas, concentradas especialmente na juventude.



Fonte: Relatório de Violência Homofóbica no Brasil: Ano 2012

## **OS BENEFÍCIOS E MALEFÍCIOS TRAZIDOS PELA INFLUÊNCIA DA MÍDIA NAS DISCUSSÕES SOBRE AS VIOLÊNCIAS SOFRIDAS PELO PÚBLICO LGBT**

A mídia vem realizando um papel importantíssimo na divulgação de crimes contra a população LGBT. “Só no ano de 2012 foram divulgados nos principais canais midiáticos 511 violações contra a população LGBT, envolvendo 511 vítimas e 474 suspeitos”. Dentre essas violações noticiadas 310 foram homicídios.

O processo de democratização do acesso à internet trouxe um aumento da produção de informação e isso fez com que houvesse uma maior visibilidade para os crimes homofóbicos. As notícias não são divulgadas apenas pelos jornais impressos ou televisivos. Agora a divulgação das notícias também é feita através de Portais de notícias, sites, blogs, jornais online e também pelas redes sociais que criam páginas específicas sobre o assunto. Meios de informação que possibilitaram melhor o acesso sobre as violações de direitos da população LGBT.

No entanto, não podemos crer que a internet solucionou o problema, pois mesmo com tantos relatos sobre violações, o número ainda é muito menor do que o total de violações que ocorrem no cotidiano da população LGBT brasileira.

A maior parte das notícias se trata de violências físicas, especialmente os homicídios. Dentre esses casos os que são mais divulgados pela mídia são os mais violentos, ou os que envolvem pessoas com prestígio político, econômico ou de certo

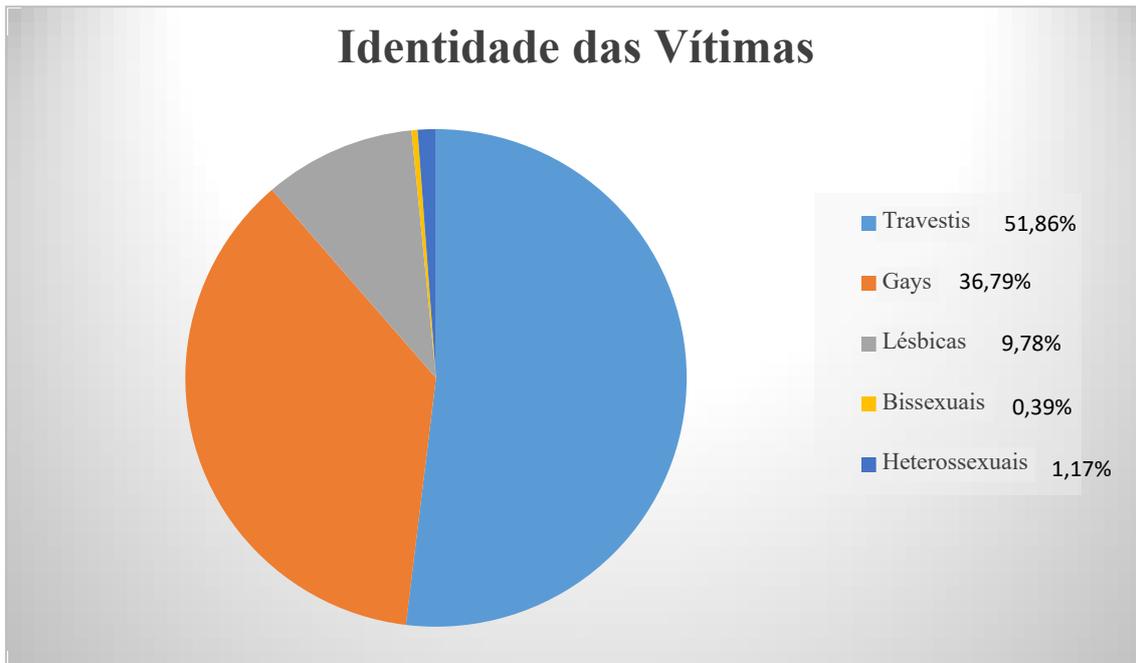
modo que tem algum contato com a mídia como por exemplo cantores, atores ou jogadores de futebol esses casos geralmente permanecem na mídia por mais tempo.

No entanto a mídia brasileira possui um problema que se constitui quando as notícias de orientação sexual ou identidade de gênero da vítima estejam explicitamente identificadas como não percebidas como heterossexuais. A mídia brasileira parece presumir a heterossexualidade das vítimas, caso não haja prova do contrário e isso faz com que as estruturas heteronormativas sejam fixadas cada vez mais no imaginário da população brasileira e isso traz como principal problema a invisibilidade trazida as vítimas que não tem o crime reconhecido como um caráter homofóbico.

No entanto a democratização do acesso à internet favoreceu também a propagação do preconceito, é possível ver nas redes sociais páginas que propagam a homofobia. Que fazem postagens ofensivas e preconceituosas alegando a defesa do direito da família tradicional. Diante disso é possível identificar milhares de pessoas que seguem essas páginas e que expressam ódio e repúdio a população LGBT, nessas postagens conseguimos identificar que os agressores manifestam um desejo de destruição da vítima como sujeito e também com o que ele representa.

### **A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA EM PARCERIA COM A POPULAÇÃO LGBT**

O gráfico em seguida irá apresentar a identidade das vítimas que mais sofrem violações. As travestis foram as mais vitimadas de violência homofóbica, contabilizando 51,63%, sendo seguida por gays com 36,79%, lésbicas com 9,78%, heterossexuais com 1,17% e bissexuais com 0,39%. É necessário destacar o motivo pelo qual os transexuais não aparecem no gráfico, pois o gráfico foi composto através de notícias midiáticas e desse modo não foram encontradas notícias relacionadas a parcela de população transsexuais.



Fonte: Relatório Sobre Violência Homofóbica no Brasil: Ano de 2012

Diante das informações contidas no gráfico é possível constatar que os travestis sofrem mais violências que o restante da população LGBT, isso se dá, pois os mesmos possuem corpos transgressores, são corpos femininos que contém o órgão genital masculino. E isso é algo de difícil entendimento e aceitação para a sociedade tradicional e preconceituosa, desse modo é possível que eles estejam no topo dessa lista por esse motivo.

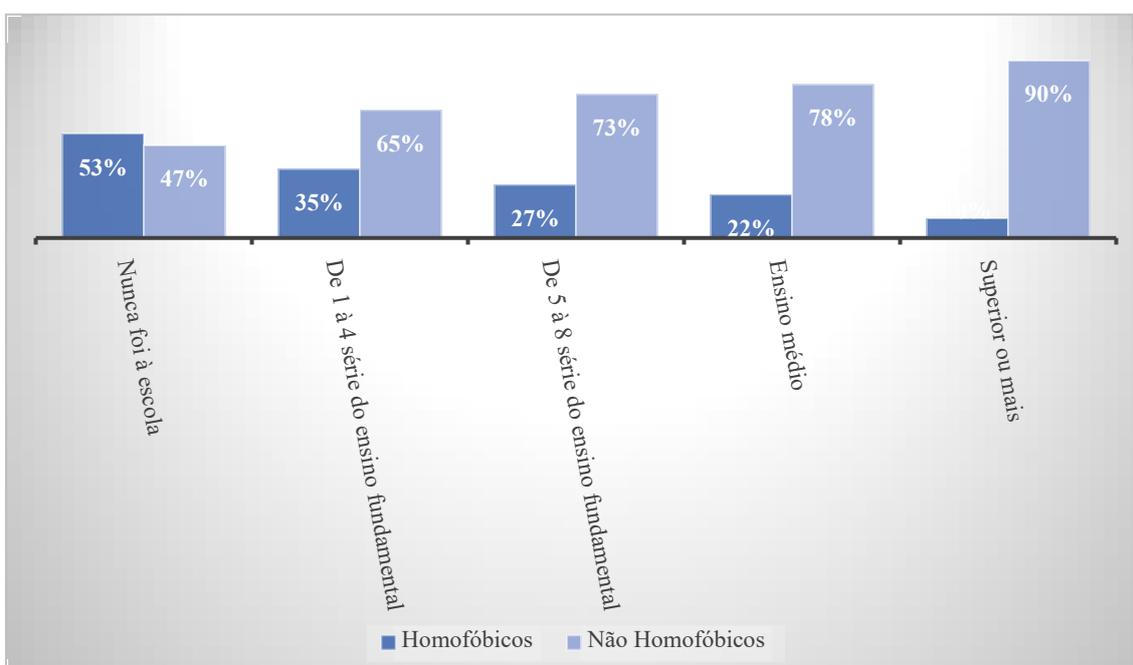
Outro fator perceptível no gráfico é que há uma grande disparidade entre o número de vítimas gays e o número de vítimas lésbicas. O que nos traz diferentes questionamentos. Esses dados nos faz refletir se há uma maior aceitação da sociedade heteronormativa com casais lésbicos? Ou também se os casais gays se expõem mais diante da sociedade? E como será possível resolver os impasses existentes entre a sociedade heteronormativa e a população LGBT?

Diante dos fatos acredita-se que o problema só poderá ser solucionado com o auxílio da educação básica. A escola tem como função de esclarecer que a homossexualidade não é uma doença e nem um “pecado”. Pois dados comprovam a religião tem grande influência sobre o preconceito existente contra a sociedade não heteronormativa. No trecho a seguir de uma pesquisa realizada pela fundação Perseu Abramo, isso fica claro.

A frase epígrafe “Deus fez o homem e a mulher com sexos diferentes para que cumpram seu papel e tenham filhos” tem a concordância, em algum grau, de 92% (sendo 84% totalmente), contra apenas 5% que discordam; e concordam que a “homossexualidade é um pecado contra as leis de Deus” 66% (58% totalmente), contra 22% que discordam (17% totalmente) –dados que revelam o tamanho da colaboração religiosa para a intolerância com a diversidade sexual. E a contribuição do discurso médico não fica muito distante: 40% concordam (29% totalmente) que “a homossexualidade é uma doença que precisa ser tratada” embora 48% discordem (41% totalmente).

Desse modo, é necessário que haja um diálogo sobre o assunto nas salas de aula com a função de trazer o assunto para o cotidiano, possibilitando uma maior interação dos alunos com o tema. E possibilitando que o tema seja discutido e que ocorra uma redução no número de violações a população LGBT.

O gráfico a seguir mostra que a população brasileira que frequenta a escola e a universidade apresentam uma maior aceitação da população LGBT.



Fonte: Pesquisa Diversidade sexual e homofobia no Brasil, da Fundação

O gráfico nos mostra que dentro do grupo de pessoas que não frequentaram a escola há uma grande taxa de pessoas homofóbicas essa taxa ultrapassa os 50%. E conforme vai ocorrendo maior frequência na escola e um avanço no nível de ensino a taxa de pessoas homofóbicas vai sendo reduzida enquanto a taxa dos não homofóbicos tende a crescer. Diante desses dados podemos entender que a educação possui extrema importância da diminuição de casos de homofobia no país.

A escola tem a responsabilidade de não contribuir para o aumento da discriminação e do preconceito contra as mulheres e contra todos aqueles que não correspondem a um ideal de masculinidade dominante, como gays, travestis e lésbicas, por exemplo. Por isso, educadores e educadoras são responsáveis e devem estar atentos a esse processo.

Desse modo, o trabalho busca analisar o ambiente escolar que se torna um território onde ocorrem muitas tensões para o grupo LGBT, desde que nascemos somos ensinados que meninas devem gostar de rosa e brincar de boneca e os meninos de azul e brincar com carrinhos, e essa lógica é perpetuada não só no ambiente familiar como no ambiente escolar. Diante dessa lógica é importante que os educadores e a escola estejam preparados para receber o grupo LGBT para que o ambiente escolar se torne um ambiente equânime. No entanto, muitas vezes os educadores e escolas não sabem lidar com essa situação o que faz com que muitos alunos acabem deixando a instituição e desistindo dos seus estudos.

A cerca desse discurso podemos citar a lei que institui obrigatoriedade o uso do nome social como uma grande conquista para esse público dentro das instituições de ensino. No entanto, ainda falta muito para que a escola seja um lugar equânime e que tenha profissionais preparados para poder lidar com todos os tipos de pessoas e necessidades. Para que desse modo possamos criar uma sociedade equânime e harmoniosa onde todos possam conviver e assegurar um bem estar para todos.

## **CONSIDERAÇÕES PARCIAIS**

Como vimos no presente trabalho, vivemos em uma sociedade heteronormativa, onde os valores predominantes são os padrões ocidentais, onde o branco, heterossexual e cristão são as características tidas como

certas. E hoje cada vez mais esses padrões vêm sendo questionados quanto a sua manutenção e perpetuação.

Ao analisar o Relatório sobre violência Homofóbica no Brasil de 2012, observamos que ainda existem diversas medidas a serem tomadas quanto a sua perpetuação e a base para essa melhoria é a educação. Uma das medidas é a criação do nome social que afirmara a presença dos alunos não pertencentes da heteronormatividade no espaço escolar.

Políticas públicas vêm sendo realizadas para que se tenha uma equanimidade nos espaços públicos e assim toda a população sem distinção, possa assim conviver em uma sociedade das diferenças convivendo lado a lado com direitos, deveres e acessos atinjam a todos.

## **REFERÊNCIAS**

- Relatório sobre violência homofóbica no Brasil: Ano de 2012 Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/pdf/relatorio-violencia-homofobica-ano-2012>> Acessado em: 06 de Jan. 2014.
- Gênero e Diversidade na Escola. Formação de Professoras/er em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnicos Raciais. Net, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <[http://estatico.cnpq.br/portal/premios/2013/ig/pdf/genero\\_diversidade\\_escola\\_2009.pdf](http://estatico.cnpq.br/portal/premios/2013/ig/pdf/genero_diversidade_escola_2009.pdf)> Acesso em: 19 de mar. 2014.
- Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos LGBT, Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Disponível em: <<http://portal.mj.gov.br/sedh/homofobia/planolgbt.pdf>> Acesso em: 04 de Fev. 2014.
- Las Putas Babilónicas, El Primer Coletivo de Estudiantes Homosexuales de Chile. Disponível em: <<http://www.lecturasciudadanas.cl/2014/01/las-putas-babilonicas-el-primer.html>> Acesso em: 09 de Fev. 2014.
- JUNCKES, Ivan J.; SILVA, Joseli M. Espaço Escolar e Diversidade Sexual: Um Desafio às Políticas Educacionais no Brasil. Revista de Didáticas Específicas, nº1, PP.148-166. Jun/Jul de 2009.
- SILVA, Joseli M. Um Ensaio Sobre as Potencialidades do Uso do Conceito de Gênero na Análise Geográfica. Revista de História Regional 8(1): 31-45, Verão 2003

- Dados da *Diversidade sexual e homofobia no Brasil*, da Fundação Perseu Abramo. Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/escola+e+determinante+para+o+fim+da+homofobia+diz+pesquisador/n1596978678723.html> Acessado em: 17 de Fev. 2014
- VENTURINI, Gustavo. PESQUISA DA PERSEU ABRAMO MOSTRA PRECONCEITO CONTRA COMUNIDADE LGBT. Disponível em: [http://pfdc.pgr.mpf.mp.br/atuacao-e-conteudos-de\\_apoio/publicacoes/direitos-sexuais-e-reprodutivos/FPA\\_Pesquisa\\_GLBTT.pdf](http://pfdc.pgr.mpf.mp.br/atuacao-e-conteudos-de_apoio/publicacoes/direitos-sexuais-e-reprodutivos/FPA_Pesquisa_GLBTT.pdf) Acessado em: 03 de MAR. 2014